

4 - w xian - 5^a
5 - " " - 6^a
6 - " " - sab

RUBEM BRAGA

O BRASIL PARADO

«É O DISCURSO mais sério que esta Casa já ouviu na presente legislatura» — disse o deputado Márcio Moreira Alves quando o deputado Renato Archer acabava de falar, em novembro de 1967, na Câmara, sobre política brasileira de energia atômica. Expressava assim o sentimento do plenário que ouvira o deputado maranhense no maior silêncio e com a maior atenção.

Recebo agora a separata desse discurso, aliás mal impressa e mal revista. Lembra o orador que os fundamentos da política atômica brasileira foram lançados pelo almirante Álvaro Alberto a partir de 1947. Baseava-se na nacionalização de todas as minas de tório e urânio e na proibição de exportação de minérios sem compensação específica, isto é, sem prioridade para obtenção de reatores de pesquisa e de potência. Negaram-se a isso os Estados Unidos e, usando de coação e pressão, ao tempo do chanceler João Neves da Fontoura, conseguiram importar a nossa areia monazítica. Note-se que na véspera de seu suicídio o presidente Vargas assinou uma nova licença para exportação da monazítica. A fraqueza de nossa diplomacia está provada pelo fato de haver a Bélgica, em barganha do minério do Congo, e graças a acordo com os Estados Unidos e a Inglaterra, obtido um reator de potência e dois de pesquisas.

Archer conta também a longa história das ultracentrifugadoras encomendadas e

pagas pelo nosso governo na Alemanha, e cuja vinda para o Brasil foi, até certa altura, proibida pelos Estados Unidos; ao chegarem finalmente aqui foram abandonadas, juntamente com o projeto de explorar o urânio de Poços de Caldas. Em aparte, o deputado Edvaldo Pinto chamou a atenção do orador para a produção de um reator a tório na Alemanha Ocidental, agora em fase final, capaz de produzir energia a preço muito mais barato que uma usina hidrelétrica. De todas as revelações, algumas bastante melancólicas, contidas nesse discurso, resulta esta evidência: no assunto de importância máxima para o seu desenvolvimento o Brasil está simplesmente parado.

É certo que chegou a nosso país uma comissão da Agência Internacional de Energia Atômica para estudar a localização ideal de um gerador de potência — mas ninguém acredita que essa visita possa ser de maior utilidade. Estamos apenas adiando indefinidamente o ataque a um problema da maior urgência. Estamos parados — isto é, andando para trás, destino triste dos povos que não sabem afirmar a própria personalidade. Hoje não é mais o Itamarati, são outros setores do governo que atrasam nossa ascensão à era atômica. Já perdemos muito, muito tempo; estamos perdendo mais, conversando fiado, porque nosso governo é incapaz de uma política positiva, séria, decidida — e assim ficaremos em um eterno e ignominioso lero-lero de subdesenvolvidos...

DN 728/7/68